

# **MULTICULTURALISMO E EDUCAÇÃO: O MUSEU DO NEGRO LIBERTO**

**Évila Cristina Vasconcelos de Sá.**

**Luciana de Souza Silva.**

## **RESUMO**

O multiculturalismo define-se como uma pluralidade de culturas, etnias, ideias, padrões culturais em uma mesma região. Sabemos que atualmente existem políticas públicas para a incorporação da pluralidade cultural nas escolas brasileiras, dos quais viraram lei: a 10.639 sobre Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, nas disciplinas de História do Brasil, Artes e Literatura; bem como a orientação do trabalho com os Temas Transversais, que enfatizam a estimulação a convivência entre tradições e práticas culturais diferenciadas. Como possibilidade educativa de Pluralidade Cultural em sala de aula, ligada ao Patrimônio Histórico, podemos sugerir como aula de campo no Museu Senzala Negro Liberto, criado em 2003 a partir das ruínas de um antigo engenho, construído em 1873. Localizado no município de Redenção, na rodovia CE-060. A senzala ficava no subsolo (para dificultar a passagem dos escravos).

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Multiculturalismo; Lei 10.639; Educação Patrimonial; Museu do Negro Liberto.

## **ABSTRATC**

Multiculturalism is defined as a plurality of cultures, ethnic groups, ideas, cultural patterns in the same region. We know that currently there are public policies for the incorporation of cultural plurality in Brazilian schools, which became law: 10.639 on Teaching of History and Afro-Brazilian Culture, in the disciplines of history of Brazil,

Arts and Literature; and the orientation of working with Transversal themes that emphasize stimulation coexistence between different traditions and cultural practices. As an educational possibility of Cultural Plurality in the classroom, linked to the Heritage, we can suggest as class field at the Museum Senzala Black Liberto, created in 2003 from the ruins of an old mill, built in 1873. Located in the municipality of Redemption, the EC-060 highway. The slave quarters was underground (to impede the passage of slaves).

**KEY WORDS:**

multiculturalism; Law 10.639; Heritage Education; Museum of Black Liberated.

Para problematizarmos sobre a definição do que é ser brasileiro, se faz necessário conceituarmos termos ligados à área de Antropologia, História, bem como a Educação designados em: cultura, diversidade cultural e multiculturalismo; identidade, diferença e normalidade, educação multicultural, preconceitos e estereótipos. Assim, antes de mencionarmos tais conceitos, devemos perceber que o "Brasileiro", além de ser fruto da fusão das três matrizes étnicas (Tupi, Lusitana e Africana), o mesmo possui peculiaridades regionais e culturais, mostrando que não há "um Brasil", mas sim "Brasis". Estudar a diversidade cultural brasileira também é entender a configuração educacional que perpassa desde o currículo até os valores educacionais que cada localidade estuda, representando assim a "cara", a marca de cada localidade brasileira.

O termo Cultura não pode ser entendido como único e/ou padrão, pois o mesmo constitui:

*[...] todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias ou crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos em toda habilidade humana socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica. [...] Assim, os seres humanos só vivem em sociedade devido à cultura [...] A função da cultura [...] é permitir a adaptação do indivíduo ao meio social em que vive. (SILVA; MACIEL, 2010 p.85-86)*

Deste modo, podemos entender que a cultura, isto é, a forma de viver, permeadas pelas práticas cotidianas, são formadas pela coletividade que vive e se

organiza socialmente. Agir com preconceitos, rindo de práticas que não fazem parte do nosso cotidiano, mostra que praticamos o estereótipo, isto é, que somos etnocêntricos, portados de uma visão de mundo fundamentada rigidamente nos valores da cultura que vivemos. Isso aconteceu no nosso país desde a chegada dos portugueses, impondo sua religião, seu idioma, sua forma educacional, e suas formas de punições. Tudo isso claro, não apenas para "aportuguesar" o Brasil, mas sim para doutrinar aos moldes europeus, por sinal existe até um termo para isso: o Eurocentrismo.

Por séculos ficou o Brasil como marionete da cultura europeia, onde teve maior expressão na arquitetura que vai desde as igrejas em estilo barroco até o neoclássico dos tempos oitocentistas (século XIX). De fato somente podemos entender que abaixo da linha do Equador existiu um país chamado de Brasil, apenas após a chegada da Corte Portuguesa, enfatizando ainda mais os valores culturais europeus. No Rio de Janeiro se instalou a Família Real lusitana, que acabou investindo massivamente na cultura, instalando bibliotecas, observatórios astronômicos, faculdades de Medicina e Direito, escolas com aulas de Letras Clássicas para eles logicamente (representadas pelo Latim e Grego), enquanto a população toda composta por negros africanos, criollos (mulatos), índios e mamelucos.

Sociólogos como Afonso Celso (1860-1938) e Gilberto Freire (1900-1987) e Sérgio Buarque de Holanda, começaram a discutir a identidade brasileira, ou seja, o que nos faz sermos brasileiros, bem como o conceito de etnicidade brasileira. Para Celso, o brasileiro possui sentimentos de independência, hospitalidade em afeição à ordem, cumprimento das obrigações, caridade, acessibilidade, pouca diligência e pouco esforço. Para Freire, o brasileiro possui a crença pelo sobrenatural, gosto por piadas picantes, erotismo, gosto pela ostentação, culto sentimental ou místico do pai, materialismo, simpatia do mulato, emotivo, mais coração que razão e bondoso. Para Holanda (1902-1982), em sua obra-prima *Raízes do Brasil*, mostra que com o mito da cordialidade (do jeitinho afetuoso), de tudo também serviu como forma de amenizar os conflitos e as violências contra as mulheres, os idosos e os mais pobres.

Após exemplificarmos as características gerais dos brasileiros, podemos entender como identidade cultural como a partilha de uma mesma essência, que indica o caráter do "eu", do que permite que o indivíduo se torne semelhante aos que moram em uma mesma localidade. Para o antropólogo Da Matta, o Brasil se define qualitativamente

pelo futebol, pelo carnaval, a sensualidade, do sincretismo religioso.

Nessa perspectiva, a multiculturalidade se define como pluralidade de culturas, etnias, ideias, padrões culturais em uma mesma região, fazendo isso ser muito importante a valorização no ambiente escolar, aparecendo com uma peça central para a desconstrução de estereótipos e abolição de preconceitos, seja pela cor da pele, por gênero, questões de deficiências físicas, entre outros. Sabemos que atualmente há políticas públicas para a incorporação da pluralidade cultural nas escolas brasileiras, das quais viraram lei 10.639 sobre Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, nas disciplinas de História do Brasil, Artes e Literatura; bem como a orientação do trabalho com os Temas Transversais, que enfatizam a estimulação a convivência entre tradições e práticas culturais diferenciadas.

*A sociedade civil segue desenvolvendo importante papel na luta contra o racismo e seus derivados. Compreender os mecanismos de resistência da população negra ao longo da história exige também estudar a formação dos quilombos rurais e urbanos e das irmandades negras, entre tantas outras formas de organizações coletivas negras. A população negra que para cá foi trazida tinha uma história da vida passada no continente africano, a qual somada às marcas impressas pelo processo de transmutação de continente serviu de base para a criação de estratégias de sobrevivência. A fuga dos/das trabalhadores/as escravizados(as), a compra e a conquista de territórios para a formação de quilombos materializam as formas mais reconhecidas de luta da população negra escravizada. Nesses espaços, as populações negras abrigaram-se e construíram novas maneiras de organização social, bastante distintas da organização nas lavouras. A religião, aspecto fundamental da cultura humana, é emblemática no caso dos(as) negros(as) africanos(as) em terras brasileiras. [...] Cabe, portanto, ligar essas experiências ao cotidiano escolar. Torná-las reconhecidas por todos os atores envolvidos com o processo de educação no Brasil, em especial professores/as e alunos(as). De outro modo, trabalhar para que as escolas brasileiras se tornem um espaço público em que haja igualdade de tratamento e oportunidades. Diversos estudos comprovam que, no ambiente escolar, tanto em escolas públicas quanto em particulares, a temática racial tende a aparecer como negro/a. Codinomes pejorativos, algumas vezes escamoteados de carinhosos. (BRASIL, 2006, p. 22)*

Assim, vale destacar que o termo da Diversidade Cultural está presente na cultura brasileira, bem como no contexto escolar. Podemos perceber primeiramente pela Constituição Federal Brasileira, no tocante ao acesso a Cultura:

*§ 1.º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.*

*§ 2.º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais. (BRASIL, 1998).*

Desde os finais dos anos 90 do século XX, os docentes brasileiros possuem um conjunto de manuais expedidos pelo Ministério da Educação (MEC), os intitulados Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs, abrangendo todas as séries da Educação Básica. Buscamos a partir deste, entende-los como suporte de orientação para práticas educativas especificamente ligadas ao patrimônio histórico e a pluralidade cultural. Este documento do MEC discute várias sugestões relacionadas ao fenômeno educativo, englobando em disciplinas escolares. As discussões acerca do Patrimônio se apresentam na parte dos Temas Transversais, especificamente em Pluralidade Cultural.

Em contrapartida, os PCNs do Ensino Médio são divididos em áreas do conhecimento. A “área” que nos compete referenciar concentra-se nas “Ciências Humanas”, distribuída pelas disciplinas de História, Geografia, Sociologia e Filosofia.

Levando em consideração o papel do professor com o uso da cultura material, o referido documento aponta aos educadores romperem silêncios cristalizados pelo capitalismo, protegendo-os da “amnésia social” comprometedora das identidades individuais e coletivas, e isso somente se dá através do conhecimento de preservação e situação dos Locais de Memória, podendo ser materiais ou imateriais. E ainda vão mais além, expressando que o “direito à memória” somente ocorrerá quando o professor debater e apresentar atividades aos seus educandos assuntos inerentes ao conceito de patrimônio cultural tangível e intangível, bem como seus exemplos de suas manifestações tais como:

*(...) festas e monumentos comemorativos, de museus, arquivos e áreas preservadas, pela a compreensão do papel da memória na vida da população, dos vínculos que cada geração estabelece com outras gerações, das raízes culturais e históricas que caracterizam a sociedade humana. Retirar os alunos da sala de aula e proporcionar-lhes o contato ativo e crítico com as ruas, praças, edifícios públicos e monumentos constitui excelente oportunidade para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. Ao sintetizar as relações entre as durações e a constituição memória e da identidade sociais, o ensino de História, desenvolvido por meio de atividades específicas com as diferentes temporalidades, especialmente da conjuntura e da longa duração, pode favorecer a reavaliação dos valores do mundo de hoje, a distinção de diferentes ritmos de transformações históricas, o redimensionamento do presente na continuidade com os processos que o formaram e a construção de identidades com as gerações passadas. (BRASIL, 1999, vol. IV, pp. 26-27)*

O patrimônio é a maior “prova” que a história continua “viva”, pois este é resultado do fazer histórico transmitido através da memória individual e coletiva, bem como perpassado através das gerações. Como possibilidade educativa de Pluralidade Cultural em sala de aula, ligada ao Patrimônio Histórico, podemos sugerir como aula de campo no Museu Senzala Negro Liberto, criado em 2003 a partir das ruínas de um antigo engenho, construído em 1873. Localizado no município de Redenção, na rodovia CE-060. A senzala ficava no subsolo (para dificultar a passagem dos escravos), atualmente cheia de morcegos.

Deste modo se faz necessário conceituarmos o significado de Museu. De acordo com Musas (2007), a palavra museu deriva do grego “*mouseon*” e significa o templo das musas, o lugar de contemplação, onde os pensamentos de outras podem dedicar-se a arte e ciência. O Estatuto do Conselho Internacional de Museus define museus como uma instituição sem fins lucrativos, permanentes ou não, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga, expõe, para fins de estudo, educação, divertimento, testemunhos do povo e de seu ambiente.

Nesse sentido, os museus estão em locais que elevam a ideia do homem, abrem portas dos elos poéticos entre a sua memória e o seu esquecimento, entre o indivíduo e a sociedade. Tudo que é humano tem espaço no museu, servem para exercitar pensamentos e estimular as ações, além de proporcionar experiência de familiarização. Os museus operam como memória e patrimônio que fazem parte da necessidade básica dos seres humanos, a indelével marca da humanidade. Nos diversos tipos de raças sociais, grupos culturais, há uma necessidade de guardar a sua memória.

De acordo com o Instituto de Museus (2010), os atuais museus se encontram em antigas edificações, a saber: residências, estabelecimentos públicos, estabelecimentos privados, instituição de ensino, instituição religiosa, casa de câmeras, cadeia, espaço cultural, entre outros, que foram adaptados e estruturados para guardar acervos. Vele salientar:

*Nas formas individuais e coletivas, em senzalas, quilombos, terreiros, irmandades, a identidade do povo negro foi assegurada como patrimônio da educação dos afro-brasileiros. Apesar das precárias condições de sobrevivência que a população negra enfrentou e ainda enfrenta, a relação com a ancestralidade e a religiosidade africanas e com os valores nelas representados, assim como a reprodução de um senso de coletividade, por exemplo, possibilitaram a dinamicidade da cultura e do processo de resistência das diversas comunidades afro-brasileiras. (BRASIL, 2006, p. 16)*

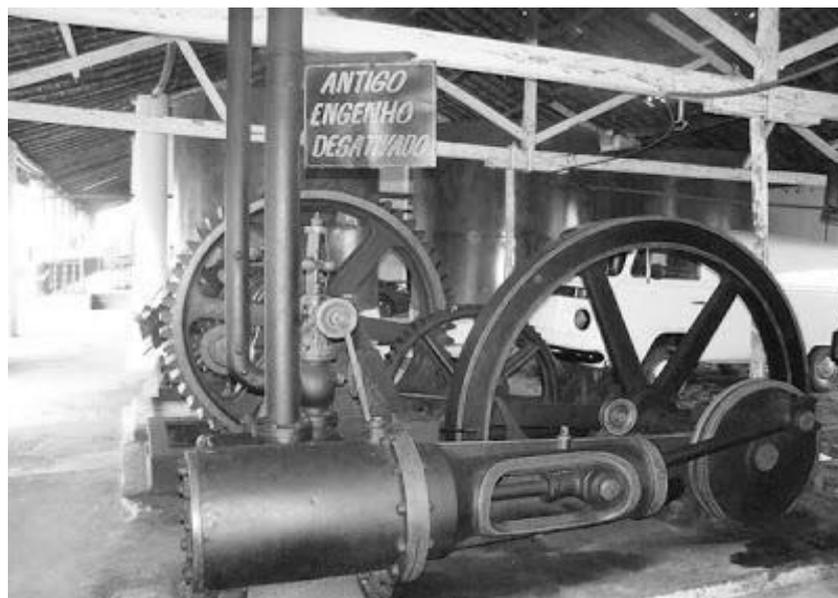
A estrutura museológica exige a abertura do espaço do museu para a comunidade, capaz de incorporar as suas experiências, conhecimentos e tradições, ao mesmo tempo em que confere aos atores sociais locais um papel ativo de efetiva intervenção e participação no processo de construção do museu, contribuindo deste modo para apropriação do museu pela comunidade.

É necessário que os museus sejam capazes de ir ao encontro das necessidades e preocupações da comunidade local introduzindo uma fundamental componente de formação e educação, assumindo neste contexto uma grande importância a questões de sustentabilidade econômica.

O Museu Senzala Negro Liberto está situado às margens da CE-060, na entrada do município de Redenção. É a cidade libertária, que se encontra inserida na Região do Maciço de Baturité. A Região Administrativa do Maciço de Baturité está localizada a uma distância aproximada de 100 km, ao sul da Cidade de Fortaleza. Seu elemento referencial principal é o conjunto de Serras denominado Maciço de Baturité, que apresenta, ainda, significativa reserva de Mata Atlântica, com expressiva biodiversidade e grande beleza natural.

Nessa localidade se encontra o chamado de Sítio Livramento, o Museu Senzala Negro Liberto que é uma área composta por um canavial para produção da aguardente Douradinha e a Casa Grande além das senzalas. Envolvido pelas marcas da história brasileira, o museu guarda memórias desde o século XVIII, retratando o momento vivido no país pelo binômio escravo e senhor de engenho.

A Vila de Acarape, hoje Redenção, conhecida como o primeiro município brasileiro a abolir a escravidão e o fez em 1º de janeiro de 1883.



*Figura 01: Antigo engenho desativado no museu, porém esta máquina é posterior ao período do antigo engenho. Foto: Évila Vasconcelos.*

A Casa Grande, antigo Engenho Livramento, tem a história desse período. Desde 1873 o engenho ficou nas mãos de três coronéis: Simião Jurumenha, se estendendo até 1913, quando a fazenda é vendida para Juvenal de Carvalho, que em 1930 passa a propriedade para Galdioso Bezerra Lima, seu afilhado, e o local passa de geração a geração. Hoje, o neto Hipólito Rodrigues de Paula Filho, conhecido como “Potin”, 60, e sua filha Eneida Muniz Rodrigues, 34, são os responsáveis pela manutenção da área.

Nas salas do casarão são conservados objetos doados ou dos antigos donos. Um deles é uma peça do século passado que servia para engarrifar a cachaça e colocar a tampa de cortiça. Outras peças históricas são um pilão de pedra e um tabuleiro cristalino pertencente à família de Juvenal de Carvalho, um dos donos do casarão, que era usado para descascar e triturar arroz, milho e café. O piso da Casa Grande, em mosaico português, é original do século XVIII. O primeiro proprietário, coronel Simião Jurumenha, era natural de Portugal e é considerado o único dono de escravos da fazenda. Após a libertação, ele vendeu a fazenda para Juvenal de Carvalho. No início, quando ele comprou a fazenda, o local possuía 100 hectares. Entretanto, quando o terreno foi colocado a venda, o local já havia crescido cinco vezes mais do que quando o adquiriu.

No mercado da Sinhá, são vendidos produtos próprios da Região de Redenção, a cachaça Douradinha, e outros tipos de alimentos e também oferece a degustação da cachaça douradinha.



*Figura 02: Mercado da Sinhá. Foto: Alexander Koch .*

Além do Museu, o lugar também abre espaço para a fabricação da cachaça Douradinha, onde começou a ser produzida na fazenda desde 1873. A Cachaça Douradinha já está no mercado há 138 anos, mas atualmente ela é envelhecida um ano para seu comércio. A priori, os escravos fabricavam a cachaça por meio das chamadas “pedras-mor”. Depois da implantação da “Lei Áurea”, trouxeram máquinas novas, que funcionavam totalmente a vapor e o principal da máquina era a moída da cana de açúcar, onde os negros empurravam a pedra.

A Casa Grande possui uma característica especial que a diferencia de outras no Brasil, pois a senzala localiza-se no subsolo desta. Era um local de descanso e de castigo dos escravos. Lá eles eram chicoteados e, como eram muito altos com cerca de 1,80 metros – tinham que permanecer deitados.



Figura 03: Fachada da Casa-Grande. Museu Senzala do Negro Liberto. Foto: Évila Vasconcelos.

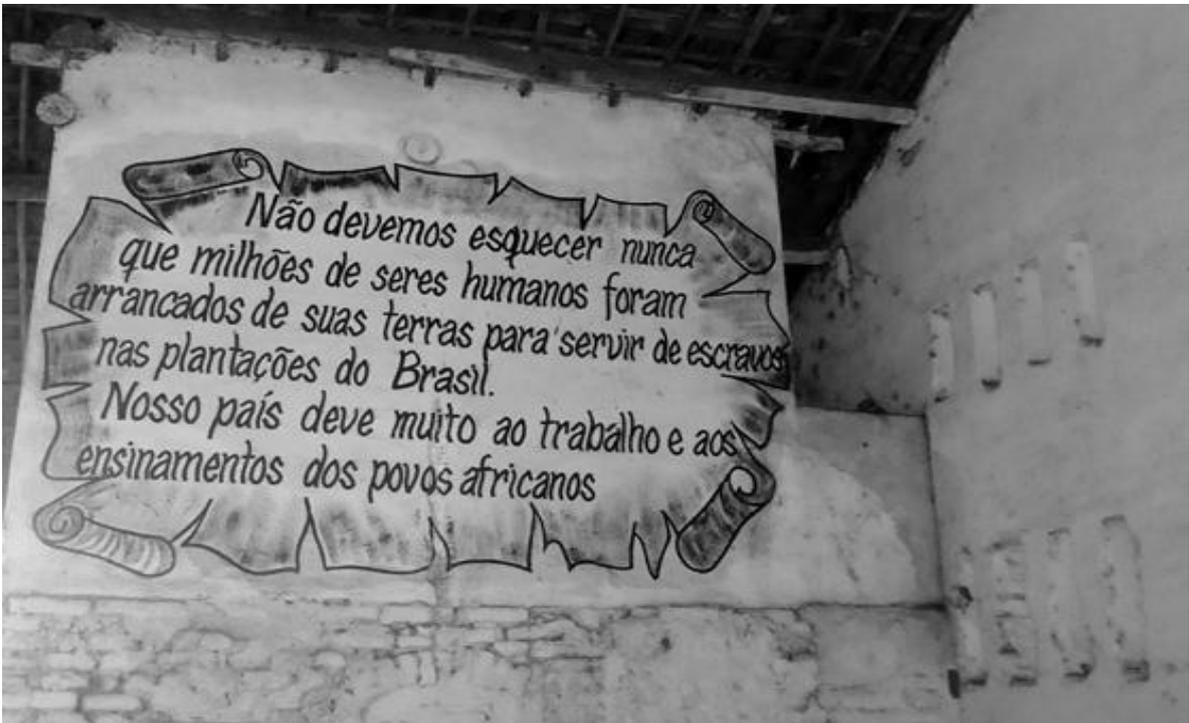


Figura 04: Cartaz pintado na parede do Engenho, elencando a legado dos povos africanos no Brasil.  
Foto: Évila Vasconcelos.



*Figura 05: Local de castigos. Museu Senzala do Negro Liberto. Foto: Évila Vasconcelos.*

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRASIL, Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais** Brasília: SECAD, 2006.

CHAUÏ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

DE CARVALHO, Marcus J.M. **Quem é o Brasil?** In: Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional, 2014. Ano 09, nº 100.

IPHAN. **MUSAS: Revista Brasileira de museus e Museologia**. 1ª Ed. Rio de Janeiro - RJ, 2007.

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MUSEU DO CEARÁ (Org.). **Museu do Ceará:**

**Catálogo.** 1ª Ed. Fortaleza – Ce. SECULT, 2010. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (Org.). **Museus em números.** 1ª Ed. Brasília – DF. Ed. Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

OLIVEIRA, Edite Colares [et. al.]. **Cultura, Educação e Diversidade.** Fortaleza. Secretaria de Educação a Distância (SEAD/UECE). 2011, 2ª ed.

RIBEIRO, Fabrício Américo. **UNILAB: políticas educacionais e as transformações do espaço urbano em Redenção-Ceará-Brasil.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia, Fortaleza, 2012.

SILVA, Kalina Vanderlei; MACIEL, Henrique Silva. **Dicionário de conceitos históricos.** São Paulo: Editora Contexto, 2010. 3ª ed.